

TEMA: REPERCUSSÕES DO ACIDENTE DE TRABALHO NA SAÚDE E CONDIÇÕES DE VIDA DOS OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL SUBSETOR DE EDIFICAÇÕES EM SÃO LUÍS – MA

RESUMO: No Brasil, os acidentes de trabalho continuam sendo tratados de forma invisível, muitas vezes priorizando apenas os números, que são incapazes de revelar as consequências desses eventos para as condições de vida e de saúde dos trabalhadores acidentados, pois além de atingir o trabalhador, caracteriza-se como um acontecimento não individual, mas sócio familiar, com repercussões variadas, afeta a família como um todo, fazendo-a sentir-se tão acidentada quanto o trabalhador e comprometendo a vida e saúde de todos, além dos desdobramentos nas relações sociais e afetivas dos envolvidos. O objetivo deste estudo foi identificar as condições de vida e de saúde dos operários após o acidente de trabalho na Indústria da Construção Civil Subsetor de Edificações em São Luís - MA, assim como o funcionamento da família após o acidente de trabalho. Através de roteiro semiestruturado foram realizadas entrevistas com treze trabalhadores acidentados e quatorze familiares, sendo oito esposas, três irmãos, dois filhos e uma mãe. A pesquisa teve um enfoque qualitativo, utilizando-se como referencial teórico, os pressupostos da Psicodinâmica do Trabalho, Sociologia do Trabalho, Ergonomia e da Saúde do Trabalhador e para a leitura dos dados a Análise de Conteúdo. Observou-se tanto a inflexão na vida dessas pessoas, causadas por um evento (o acidente de trabalho) considerado pelos trabalhadores como uma bomba, que causa perdas, sofrimentos, quase como uma morte, pois acaba com a vida das pessoas; as dificuldades e sofrimentos do acidentado e de seus familiares, tanto com relação ao acesso aos serviços públicos de direito do trabalhador, assim como da obtenção desses direitos, situação agravada, muitas vezes, pela omissão dos empregadores, fazendo os envolvidos experimentarem o desprezo e abandono de quem deveria garantir segurança e proteção em um momento de incertezas perante a vida e o futuro, agravando ainda mais a situação dessas pessoas; assim como os efeitos deletérios no funcionamento familiar. Concluiu-se que a perda da capacidade de trabalho, os priva da condição de trabalhador e, por conseguinte de

provedor da família; já não sabem quem são e sentem saudade do que foram; tentam se recuperar, mas os obstáculos são muitos; sentem-se desamparados em um mundo que não os reconhecem nem como trabalhadores e nem como cidadãos, tratando-os como se fossem párias sociais e como agravante, se encontram, muitas vezes, em uma dinâmica familiar subvertida pelo acidente de trabalho.

METODOLOGIA: A pesquisa teve enfoque qualitativo e buscou compreender as vivências do trabalhador da construção civil sob a temática do acidente de trabalho (antes, durante e depois), tanto na ótica do trabalhador acidentado quanto de sua família.

Foram entrevistados 13 trabalhadores que sofreram acidentes de trabalho na ICCSE em São Luís - MA no período de 1981 a 2015.

Ressalta-se ainda que, os 13 trabalhadores contatados sofreram acidentes com graves lesões e com afastamento do trabalho; destes, 12 foram acidentes típicos e apenas um trabalhador sofreu acidente de trajeto e o único que retornou às suas atividades; os demais ficaram impossibilitados de retorno em função das sequelas.

Também foram entrevistados, 14 membros das famílias dos acidentados.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA:

A análise e discussão dos resultados foram feitas a partir das seguintes categorias, construídas por meio das falas dos trabalhadores acidentados:

- **O ACIDENTE DE TRABALHO** (Significados do acidente de trabalho, segundo os acidentados, Sinais premonitórios, Explicações para o acidente e as Cicatrizes emocionais).

Para todos os entrevistados, o acidente de trabalho significou uma ruptura dramática e, sobretudo, jamais imaginada do curso da vida; um evento divisor de águas que veio acompanhado de muito sofrimento e que, quase sempre, acarretou uma inflexão não apenas na saúde e condições de vida do acidentado e, por extensão, de suas famílias, mas, também, lhe impôs uma nova percepção de si mesmo e da vida.

- **RELAÇÕES FUNCIONAIS E PERCEPÇÃO DO TRABALHADOR SOBRE A EMPRESA NO CONTEXTO DO ACIDENTE DE TRABALHO**

(Experiência profissional anterior ao acidente, Relações de trabalho à época do acidente, Do acidente até a busca pela assistência da empresa: o caminho dos acidentados e a Prática empresarial de segurança e saúde do trabalhador). Os relatos dos entrevistados sobre os percalços sofridos para fazer valer seus direitos legais sugerem o quão distante ainda está a prática da maioria das empresas contratantes de uma efetiva observância desses direitos; e, sobretudo, o quanto esta prática ainda está desprovida de gesto humanitário e de alguma garantia de cidadania.

Tão ou até mais dramática parece ter sido a omissão ou a displicência de empresas nos meses que se seguiram ao acidente, a despeito da obrigação legal à qual estão submetidas. Eventualmente, nos primeiros meses após o evento, uma ou outra ajuda pontual costumava ser oferecida pelas empresas aos acidentados; mas, ainda assim, o que mais se ouviu deles, diz respeito ao descompromisso da empresa para com o trabalhador, deixado à mercê de sua própria sina.

- **ACESSO AOS SERVIÇOS PÚBLICOS DE DIREITO DO TRABALHADOR** (Serviços de saúde utilizados – Primeiros socorros, Tratamentos principais e Tratamentos complementares -, Acesso aos benefícios previdenciários e A Justiça do Trabalho: uma tentativa de indenização pelo empregador.

Em todas as falas é nítida a dificuldade de acesso aos serviços de direito do trabalhador. Desde os primeiros socorros, nos diversos tratamentos de saúde, no recebimento dos documentos necessários para dar entrada junto aos órgãos públicos ao gozo dos direitos básicos, todo o processo pela busca desses direitos constitui um percurso que é transformado em uma “via crucis”, seja pela negação a esses direitos; seja pela interposição de dificuldades de acesso aos mesmos.

- **CONDIÇÕES DE VIDA E DE SAÚDE ANTES DO ACIDENTE** (Saúde, Capacidade de trabalho, Rendimentos financeiros, Rotina de vida e de trabalho, Prazeres, Dinâmica familiar e vida social, Conquistas, Sonhos e projetos).

Refletir sobre a vida que tinham antes do acidente é remeter os entrevistados a um tempo oposto ao atual. Todos, imprimem tom nostálgico em suas falas, referindo-se a um período “bom” de suas existências.

- MUDANÇAS NAS CONDIÇÕES DE VIDA E DE SAÚDE APÓS O ACIDENTE (Mudanças na saúde, Mudanças na capacidade física de trabalho, Mudanças na capacidade de prover o sustento da família, Auto percepção de si e de como é percebido por terceiros, após o acidente, Mudanças na dinâmica familiar, Mudanças na vida social, Rotina de vida após o acidente, Aprendizagens, Sonhos e projetos).

Despojados da antiga capacidade de trabalho e, portanto, de gerar os recursos financeiros necessários para atender às necessidades pessoais e de suas famílias, os trabalhadores acidentados se viram obrigados a contar, apenas, com o benefício do INSS.

Acostumado a ter o trabalho como referência principal de sua vida - e fonte de reiteração da própria identidade -, o trabalhador acidentado se vê subitamente apartado do canteiro de obra, e já não se reconhece mais como um igual entre seus antigos colegas, mas como um ser diferente, condenado pelo acidente a ocupar um espaço do não ser.

São constantes as queixas com problemas de saúde

As restrições físicas e fisiológicas que os acidentados enfrentam na atualidade minaram sua força física e, portanto, sua capacidade de trabalho

- CONDIÇÕES DE VIDA APÓS O ACIDENTE, NA ÓTICA DO FAMILIAR ACIDENTADO (Significados atribuídos ao acidente, Consequências financeiras, Mudanças na dinâmica familiar, Como os familiares se sentiram atingidos pelo acidente, Mudanças nas relações afetivas e sociais, Como o acidentado é percebido hoje por seus familiares e Aprendizagens).

Percebe-se que o acidente de trabalho e todas as suas consequências não afeta só o trabalhador, mas todo o seu núcleo familiar. Da mesma forma que o trabalhador, através do seu trabalho, ajuda na constituição de sua família, a falta desse trabalho por conta de um acidente afeta a todos, por todas as outras faltas que tal evento desencadeia.

Para todos os entrevistados, o impacto imediato mais visível do acidente - além do sofrimento do acidentado, - se manifestou de maneira muito aguda no repentino decréscimo de recursos financeiros para fazer frente às despesas corriqueiras da família que, naquele momento, haviam sido acrescidas com as novas necessidades impostas pelo tratamento do acidentado.

O acidente subverteu a rotina de vida de todas as famílias.

O acidente, atingiu a família em sua totalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Escutar os relatos de homens que sofreram acidentes de trabalho, assim como de seus familiares, teve o duplo efeito de fazê-los reviver suas histórias pessoais e de colocá-las à frente das estatísticas, atribuindo assim, um pouco de humanidade aos frios e estéreis números que quantificam os acidentes de trabalho no setor da construção civil no Brasil, incapazes de revelar as repercussões dos acidentes de trabalho na vida das pessoas envolvidas em tal evento.

A cada uma dessas histórias corresponde um universo de emoções, dores, sofrimentos e sentimentos mal digeridos que, em essência, ressoam as iniquidades do mercado de trabalho nesse setor específico da economia e as ineficiências que predominam em todo o aparato público de atendimento aos direitos legais do trabalhador acidentado. Por mais que escutar essas histórias, compartilhar alguns momentos com cada entrevistado, ouvir e intuir o que cada família passou e continua passando por consequência dos acidentes de trabalho, tentando como em um filme, juntar as partes para uma maior compreensão, é difícil sentir em plenitude, tudo o que cada um deles sente. Mesmo com toda riqueza de detalhes que relatam suas histórias, tamanha é a crueldade e violência de um acidente de trabalho que em alguns momentos parece não haver palavras; o vocabulário da língua torna-se insuficiente para quantificá-lo e qualificá-lo. O que pode ser percebido cada vez que um entrevistado (acidentado ou familiar) deslizava em suas palavras, quase que procurando, e sem encontrar, uma que pudesse expressar a dimensão de seus sentimentos.

Causa impacto o fato de essas pessoas terem suas vidas tão prematuramente arrancadas de seu controle. Como já citado no início deste trabalho, Cohn et al., (1985, p. 118) garantem que, o traço comum a todos os trabalhadores que sofreram acidentes de trabalho graves ou acometidos por doenças que os transformaram em força de trabalho desativada, é a perda da individualidade e do controle sobre os seus destinos. A partir de então são transformados em objetos fora de circulação.

Dos treze acidentados entrevistados, dois ainda se enquadravam na categoria de jovens, pois contavam, respectivamente com 19 e 22 anos, à época do acidente; oito estavam no primeiro decênio de vida como adultos (entre 24 e 39 anos) e tinham filhos ainda pequenos; e três com idades entre 40 e 44 anos. Conforme seus discursos, o acidente de trabalho foi sentido como “um baque, se fica sem chão” (Adilson), “uma bomba na sua cabeça” (Ângelo), “deixa sequela para o resto da vida” (Cláudio), “é quase a morte” (Edmundo), “significou perda” (Flávio), “acaba com a vida da gente” (Jonas), “é fim de carreira” (José), “é uma maldição na vida da pessoa” (Rômulo).

E, com a voz muitas vezes embargada pelas lembranças, eles descreveram as circunstâncias e as consequências do acidente em suas vidas. Para todos, o acidente de trabalho representou uma inflexão na direção e no ritmo das trajetórias que vinham percorrendo. Não se traduziu apenas na mutilação de seus corpos, mas (e, talvez), sobretudo, no esfacelamento de suas vidas.

Eles perderam a capacidade de trabalhar, pois sofreram lesões graves, adoeceram física e psiquicamente, e ainda lutam para superar toda a sorte de sequelas diretas e indiretas adquiridas com o acidente, inclusive, com os tratamentos aos quais foram submetidos nos serviços de saúde da rede pública. Nos hospitais aos quais foram conduzidos após o acidente, quase todos relataram esperas por atendimento que se prolongaram por dias e até meses, o que muito contribuiu para o aparecimento de sequelas mais graves associadas com a instabilidade corporal, dificuldade de locomoção e falta de força física. Também nesses locais vivenciaram processos de iatrogenia mórbida, adquirindo doenças e disfunções que os acompanham até hoje.

Em toda essa realidade, vivida pelo trabalhador acidentado, e descrita ao longo deste trabalho, ressoa o descaso com o seu sofrimento, que está para além dos danos físicos; descaso esse, que pode ser considerado como expressão da banalização da injustiça social, revelado tanto na ausência de compromisso, como na indiferença das empresas e do Estado para com os trabalhadores acidentados e seus familiares.

